



## **O evento *The Economy of Francesco* e a natureza do conhecimento sustentável**

### ***The Economy of Francesco event and the nature of sustainable knowledge***

**Maria Lúcia Corrêa Neves, doutora em Engenharia e gestão do conhecimento, UFSC**

lucia.c.neves@uol.com.br

**Gertrudes Dandolini, Prof.<sup>a</sup>. Doutora no programa de pós-graduação em engenharia e gestão do conhecimento, UFSC.**

gertrudes.dandolini@ufsc.br

#### **Resumo**

Em novembro de 2020 será realizado um evento para acadêmicos de economia de 117 países. O congresso se diferencia dos tradicionalmente propostos em função do agente patrocinador: o líder religioso Papa Francisco. O objetivo do evento (*The Economy of Francesco*) é repensar o conjunto de conhecimentos que apoia a economia, apresentado como principal indutor da atual crise mundial (crise ambiental, econômica e social). Está em andamento, uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental, com objetivo de investigar a visão dos teóricos convidados como palestrantes do evento, sobre a natureza do conhecimento que pode contribuir para a superação da crise global (conhecimento sustentável). Neste artigo, apresentam-se os resultados iniciais desta pesquisa. A análise dos achados indica que o conhecimento investigado: (1) é dependente do diálogo interdisciplinar, mas sem consenso sobre a existência de área de conhecimento crítica; (2) demanda adoção das novas ciências e, especialmente, da teoria da complexidade; e (3) demanda base teórica sobre valores, não tradicionalmente disponível em áreas de estudos demasiadamente influenciadas pelo conhecimento objetivo, por exemplo, a economia.

**Palavras-chave:** Crise do conhecimento; Desenvolvimento sustentável; A Economia de Francisco



### ***Abstract***

In November of 2020, an event will be realized for scholars of economics from 117 countries. The congress is distinguished from those traditionally proposed because of its sponsor: Pope Francis. The objective of event (The Economy of Francesco) is to rethink the knowledge set that supports the economy, presented as the inducer of the current global crises (environmental, economic and social crises). A documentary, bibliographic and exploratory research study on the nature of what knowledge can contribute to overcoming the world crises (sustainable knowledge) is currently in progress, aiming to investigate the viewpoint of theoreticians invited to speak at the event. The initial results of this research are presented in this article. The analyses of its findings indicate that the investigated knowledge: (1) is dependent on interdisciplinary dialog, but with no consensus on the existence of a critical knowledge area; (2) demands adopting new sciences and, especially, the theory of complexity; (3) demands theoretical basis on values not normally available within disciplines still highly influenced by objective knowledge, among which is the science of economics.

***Keywords:*** *knowledge crisis; sustainable development, The Economy of Francesco*

## 1. Introdução

Em novembro de 2020 está previsto para ser realizado na cidade de Assis, Itália, o evento denominado *The Economy of Francesco*, idealizado pelo Papa Francisco. O evento é direcionado, principalmente, para jovens pesquisadores e acadêmicos da área de **economia**, estimulados a “iniciar um processo de mudança global para que a economia de hoje e de amanhã seja mais justa, inclusiva e sustentável” (ECONOMY OF FRANCESCO, 2019).

O evento estava programado para março de 2020, mas em função dos desdobramentos da pandemia COVID-19, foi adiado na véspera da realização, quando já estava confirmada a presença de acadêmicos de 117 países.

A convocatória do evento, divulgada em maio de 2019, apresentou os seguintes objetivos: (1) reunir os jovens acadêmicos de economia, com pesquisadores e empresários reconhecidos mundialmente, pelas teorias ou práticas de uma economia alternativa; e (2) estabelecer um pacto para a economia de hoje e amanhã (VATICANO, 2019).

Participarão do evento como palestrantes convidados, os seguintes acadêmicos e agentes sociais: Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia em 1998; Muhammad Yunus, Prêmio Nobel da Paz em 2006; além de Bruno Frey, Carlo Petrini, Cécile Renouard, Consuelo Corradi, Jeffrey Sachs, Jennifer Nedelsky, Juan Camilo Cárdenas, Kate Raworth, Leonardo Becchetti, Mauro Magatti, Stefano Zamagni e Vandana Shiva (ECONOMY OF FRANCESCO, 2019).

Instigado pelo fato do evento reunir, prioritariamente, acadêmicos e teóricos de uma única disciplina (economia), propõe-se, neste artigo, a seguinte reflexão: qual é a visão dos teóricos convidados, sobre a natureza do conhecimento que pode contribuir para os desafios da sustentabilidade? Interessa, em especial, verificar a visão destes atores sociais sobre o papel das demais áreas de conhecimento, além da economia, no conjunto de saberes que pode conduzir o planeta a um desenvolvimento mais adequado.

Neste documento, apresentam-se os resultados iniciais da pesquisa. Trata-se da análise da visão de dois teóricos convidados: Amartya Sen e Kate Raworth. A escolha destes dois teóricos é justificada na seção “Procedimentos metodológicos” deste artigo.

## 2. O conhecimento científico sobre desenvolvimento em crise

Nas últimas décadas, no meio acadêmico, a ideia de que a prosperidade de um grupo, região ou nação, é sinônima de crescimento econômico passou a receber críticas (FAVARETO, 2006; SEN, 2018; RAWORTH, 2019).

Existe o reconhecimento de que, durante a adoção desta ideia, um grupo expressivo de cidadãos de diferentes regiões, usufruiu de um significativo aumento na qualidade de vida. No entanto, surgem de diversas disciplinas, evidências de que o conjunto de conhecimentos que tradicionalmente explicava e orientava o desenvolvimento, apresenta fragilidades. A fase atual do conhecimento que explica e orienta o desenvolvimento, é denominada por Favareto (2006) de “**Crise, polissemia, banalização... ciência**”.

O termo ‘**crise**’ refere-se à perda do poder explicativo das ideias científicas sobre desenvolvimento. Até os anos 60 a 70 do século passado, a visão de desenvolvimento se configurava como um campo de estudo monopolizado pelos cientistas econômicos. No entanto, os resultados indesejáveis observados a partir da segunda metade do século, instigou pesquisadores de outras áreas científicas, e, também, portadores de discursos não acadêmicos (militantes de movimentos sociais, representantes de organizações não governamentais, dentre outros) a se envolverem com o tema.

O termo ‘**polissemia**’ faz referência aos diversos adjetivos adotados nas denominações dos novos modelos para o construto desenvolvimento, assim como para algumas de suas ideias correlatas, por exemplo: desenvolvimento social, desenvolvimento sustentável, economia circular, economia solidária, capitalismo inclusivo, dentre outros. A coexistência destes construtos contribui para evidenciar que na academia, atualmente, **não** existe uma única concepção para superar a visão de desenvolvimento tradicional. A análise das alternativas apresentadas, indica que novas teorias e práticas estão surgindo de diversas áreas de conhecimento, além da ciência economia (FAVARETO, 2006; NEVES, 2019).

Já o termo ‘**banalização**’ refere-se à presença de muitas críticas desacompanhadas de propostas de novos modelos, e à tendência de atacar a totalidade do conhecimento acadêmico acumulado sobre desenvolvimento, sem distinguir o repertório que se mostrou equivocado, daquele que assegurou avanços na qualidade de vida mundial, e que pode permanecer contribuindo para o novo conjunto de teorias.

Por fim, o termo ‘**ciência**’ representa o esforço de grupo de acadêmicos de diferentes disciplinas, que buscam identificar o conhecimento científico interdisciplinar (ou transdisciplinar) que pode ajudar a superar as críticas sobre o conhecimento sobre desenvolvimento até então produzido (FAVARETO, 2006; NEVES, 2019).

### **3. O conhecimento e os agentes críticos no processo de criação do conhecimento do século XXI**

Com base nas ideias da seção anterior, pode se considerar que a realização do evento *The Economy of Francesco* é oportuna, mas que um evento mundial, reunindo teóricos e teorias de diferentes disciplinas (não apenas de economia), além de diversos atores detentores do

saber prático (não apenas empresários), poderia contribuir, ainda mais, para o processo de identificação de teorias e práticas alternativas à visão de desenvolvimento mais tradicional.

O evento induz a percepção de que a ciência economia e os portadores deste discurso científico, se destacam em criticidade, quando se discute as alternativas para desenvolvimento de uma sociedade, visão que não é consenso na literatura.

É possível identificar autores que consideram que o novo conjunto de conhecimento que pode explicar e orientar o desenvolvimento, é derivado do diálogo interdisciplinar, envolvendo, no mínimo, a combinação de teorias ambientais, econômicas e sociais (FAVARETO, 2006; NEVES, 2019). Também há teóricos que consideram uma outra única área, que não a economia, como disciplina fornecedora do conhecimento sobre os meios que conduzem um grupo ou região, à um destino melhor.

Por exemplo, na visão de Porter e Kramer (2011, 2019), os problemas mais graves do século XXI foram induzidos, principalmente, por equívocos da literatura científica de **gestão**. Com esta visão, para estes autores, o rumo da sociedade e do planeta podem ser alterados se praticantes de gestão adotarem um novo conjunto de teorias e práticas organizacionais.

Com esta premissa, Porter, em parceria com Kramer, em 2011, propuseram um novo modelo teórico (*Creating shared value*) para a gestão da criação de valor nas organizações, apresentando a teoria como capaz de “revolucionar” o capitalismo mundial, estancando e até recuperando os danos causados pelas corporações, durante as décadas de ênfase na maximização de lucros (PORTER; KRAMER, 2011).

Porter e Kramer (2011, 2019) consideram que as organizações **com** fins lucrativos passaram as últimas décadas, produzindo bens e serviços superficiais e, muitas vezes, geradores de mais “mal do que bem”, enquanto o planeta era degradado e as necessidades reais de parte dos cidadãos era negligenciada.

Como esta visão, estes autores, sinalizam a necessidade das teorias e práticas de gestão avançarem na direção da interdisciplinaridade, agregando ao conhecimento estratégico que assegura o desempenho organizacional, a base teórica necessária para a apreciação das necessidades coletivas que podem assegurar, concomitantemente, o desempenho da sociedade.

Porter e Kramer (2011, 2019) abordam a importância do ator social Governo no processo de desenvolvimento, mas afirmam que o conhecimento derivado da área de gestão e os portadores deste discurso são centrais no processo que assegura novos rumos para o desenvolvimento do planeta.

Uma outra visão sobre o conhecimento e agentes críticos do desenvolvimento, é a defendida pelos acadêmicos da Universidade da Singularidade (*Singularity University*). Eles consideram que os grandes desafios do planeta podem ser superados, a partir de combinações inovadoras de **conhecimentos intensivos e interdisciplinares**, e das **tecnologias**

transformacionais deles **derivadas**. Os conhecimentos a serem combinados são de disciplinas recentes e interdisciplinares, como: biotecnologia, bioinformática, robótica, nanotecnologia, dentre outras. Para os adeptos à esta visão, o diálogo entre o conhecimento destas novas áreas científicas tem potencial para produzir tecnologias transformacionais e afetar positivamente a vida de “bilhões de pessoas” hoje excluídas, “resolvendo os grandes desafios globais” (DIAMANDIS; KOTLER, 2018).

Para os teóricos da Universidade da Singularidade, no entanto, **não** existe um agente social crítico no processo de desenvolvimento aderente ao século XXI, mas um grupo de agentes que cooperam em rede, amparados por conhecimento intensivo. Os agentes citados são: (a) as organizações com fins lucrativos (corporações) e seus executivos; (b) governos e os formuladores de política; (c) organizações sem fins lucrativos e os filantropos; (d) instituições acadêmicas e os líderes de pensamento; (e) instituições financeiras e os investidores; e (f) *startups* e empreendedores.

A análise destas e de outras visões críticas sobre desenvolvimento permite considerar que para um grupo de teóricos, a natureza do conhecimento que conduz a sociedade à um desenvolvimento mais sadio é **interdisciplinar**. No entanto, existem diferentes visões sobre a existência (ou não) de agente(s) crítico(s) e ou de áreas de conhecimentos científicos decisivas para um novo rumo do conhecimento sobre desenvolvimento.

Esta questão instiga o interesse em observar, especificamente, a visão dos teóricos de economia e os demais atores sociais convidados para o debate e pacto mundial “Economia de Francisco”.

#### 4. Paradigmas das velhas e das novas ciências

Paralelamente ao movimento de revisão de conhecimento relacionado com os desafios do desenvolvimento, é possível identificar na literatura, desde o final do século passado, mudanças em modelos de diversas disciplinas, motivadas pela adoção de teorias derivadas de **novas ciências**, por exemplo, a abordagem sistêmica, a física quântica e a teoria da complexidade (TURNER; BAKER, 2019).

Em muitas áreas do conhecimento, os objetivos modelos mecânicos (ou “Newtonianos”) e lineares, perderam espaços em função das adesões à **visão holística** (uma forma de perceber a realidade), e à adoção da **abordagem sistêmica** (uma forma de planejar o desenvolvimento de sistemas vivos em geral).

Por exemplo, já no século passado, na **Química**, teóricos como Prigogine e Stengers (1984), preocupados com o fato da mudança não fazer parte do mundo mecânico, adotaram os princípios dos sistemas abertos: deixar o sistema interagir e, apenas, retirar os obstáculos que estão impedindo a auto-organização. Na **Medicina**, os tratamentos especializados foram sendo substituídos pelos tratamentos holísticos que consideram o corpo como um sistema

integrado, cujo funcionamento é interdependente (PERT,1997). Também, na **Biologia**, modelos mecanicistas cederam espaço para modelos holísticos e dinâmicos (ROSE, 1997).

Na área de gestão, Hamel (2012) constatou lentidão no abandono destes mesmos paradigmas. Para o autor, no século passado, os paradigmas objetivos, lineares e “Newtonianos” adotados pela **ciência aplicada administração**, transformaram esta área de conhecimento na principal inovação do século XX. Atualmente, no entanto, a dificuldade de superação desses velhos paradigmas, impede que esta área de conhecimento avance (HAMEL, 2012; PORTER; KRAMER, 2019).

Há mais de três décadas, esta dificuldade dos teóricos de gestão foi abordada por Churchill e Bygrave (1989). Na visão destes autores, os estudiosos seminais de gestão, para conferirem robustez às suas teorias e práticas, recorreram demasiadamente às ciências tradicionais (principalmente matemática e a física Newtoniana). Esta decisão gerou avanços significativos, mas, provocou o afastamento de alguns elementos e conceitos subjetivos, fundamentais para a evolução do campo de conhecimento.

Turner e Baker (2019) abordam a complexidade dos problemas do século XXI, e, em especial, daquelas relacionados da grande área de conhecimento ciências sociais. Para estes autores, os desafios deste campo de estudo, são mais adequadamente abordados quando se incorpora, formalmente, a teoria da complexidade, e não apenas a visão sistêmica.

Os posicionamentos citados nesta seção despertam interesse em identificar a influência das novas ciências e estágios de mudanças, em modelos de todas as áreas de conhecimento, e, especialmente, da economia, ciência que motiva o evento *The Economy of Francesco*.

## 5. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa exploratória envolveu levantamento bibliográfico e documental. Os estudos acadêmicos selecionados para construção da fundamentação teórica (seções 2, 3 e 4), foram escolhidos observando a possibilidade de contribuição para clarificar a importância da pesquisa proposta, conforme recomenda Creswell (2010).

Com o objetivo de responder especificamente à **questão** que norteia o artigo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental para investigar a visão dos palestrantes convidados do evento *The Economy of Francesco* sobre a natureza do conhecimento que pode contribuir para um novo e mais sustentável modelo de desenvolvimento.

Neste artigo, apresentam-se os **resultados iniciais** da pesquisa em andamento, identificados a partir da análise das obras, onde dois teóricos participantes do evento, Amartya Sen e Kate Raworth, apresentam os seus modelos alternativos de desenvolvimento.

Amartya Sen, que recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 1998, é autor da proposta de desenvolvimento alternativo denominada “Desenvolvimento como liberdade” (SEN, 2018).

O autor foi priorizado na pesquisa, por ser considerado o economista que inaugurou a credibilidade da concepção humanista nas teorias econômicas (RAWORTH, 2019).

Para Favareto (2006), a construção teórica de Amartya Sen sobre desenvolvimento se destaca das demais concepções atuais por responder as questões fundamentais para a evolução do conhecimento sobre o construto: a) “se desenvolvimento não se reduz à crescimento econômico, quais são suas dimensões empíricas fundamentais?”; b) “se são várias as dimensões, como elas se compõem ou conflitam?”; e, c) quais delas (dimensões) são os propósitos do desenvolvimento e quais são os meios para atingi-los? (p. 61).

Kate Raworth (2019) foi priorizada na pesquisa, por, também, integrar o grupo seletivo de teóricos que, além de críticas ao conhecimento acumulado sobre desenvolvimento, agrega propostas alternativas para superar a atual visão de desenvolvimento dominante, denominada pela autora de desenvolvimento com base no “crescimento a qualquer custo”.

No processo de construção de um novo modelo para a economia, a autora revisitou a história da evolução do pensamento em economia e identificou um conjunto de sete modelos mentais percebidos como barreiras à evolução das teorias da área. Para a teórica, estas barreiras, se ultrapassadas, podem conduzir à uma economia mais adequada.

Os achados e análises das visões destes dois teóricos são apresentados nas seções 6 e 7.

## 6. A visão de Amartya Sen

No livro onde Sen (2018) apresenta a sua teoria alternativa sobre desenvolvimento, cujo título em português é “Desenvolvimento como liberdade”, existem apenas doze ilustrações entre gráficos e tabelas, característica pouco comum na literatura científica de economia, que usa intensivamente números e demais recursos da matemática.

O documento é composto praticamente por textos que se distanciam dos paradigmas mecânicos e objetivos, por exemplo, os capítulos sobre: “Fundamentos da justiça”, “A importância da democracia”, “A condição de agentes das mulheres”, dentre outros. A análise das ideias de Sen, evidencia que o autor não considera desenvolvimento como crescimento econômico, e nem trata, como centrais, os indicadores econômicos e financeiros, por exemplo, Produto Interno Bruto (PIB).

O autor afirma que quando os indicadores econômicos de diversos países são analisados, se constata a fragilidade das teorias de desenvolvimento mais comumente adotadas na academia: as nações ou regiões que se destacam em PIB, ou renda individual média elevada, ou elevado índice de industrialização, dentre outros, não necessariamente são os melhores lugares para se viver.

Ao contrário, Sen (2018) apresenta evidências de que algumas das regiões classificadas como “desenvolvida”, além de não necessariamente se destacarem em índices de expectativa



de vida, apresentam elevados índices de degradação ambiental, de violência, de doenças por estresse ou de suicídios, dentre outros indicadores de desenvolvimento humano ou social.

Para Sen, desenvolvimento é uma ideia sinônima de eliminação de **privações** em geral e, e não apenas de eliminação de privação de renda. O autor apresenta evidências históricas que mostram que mesmo pessoas **com renda**, podem ficar impedidas de, por exemplo, saciar sua fome, acessar água tratada, de adquirir remédios para curar doenças tratáveis, ou de serem felizes. Os exemplos apresentados são situações históricas, onde mesmo as pessoas com recursos monetários, tiveram sua liberdade afetada por: presença de violência intensa, por discriminação, pela irresponsabilidade de agentes públicos, pela omissão de autoridades, por uma guerra, uma epidemia, dentre outros.

Sen (2018) considera como regiões desenvolvidas, aquelas que eliminaram ou minimizaram as barreiras que tiram a liberdade dos cidadãos. Para o autor, a retirada dessas barreiras, permite acesso aos **meios condutores** ao desenvolvimento que são: (1) facilidades econômicas (por exemplo emprego); (2) oportunidades sociais (por exemplo saúde e educação); (3) segurança protetora (por exemplo, suplementos de renda para pessoas em situação de risco); (4) garantias de transparências (por exemplo, clareza das regras para acesso às oportunidades de emprego); e (5) liberdades políticas (por exemplo, direitos associados à democracia).

Para Sen, ainda no século XXI, parte expressiva das regiões do planeta é habitada por cidadãos que enfrentam algumas ou mesmo todas as cinco barreiras. Estas regiões são de dois tipos: (1) regiões onde, historicamente, o contexto externo foi bloqueador da condição de agente (por exemplo, parte do continente Africano); e, (2) contextos aonde a condição de agente foi possível, mas deixou de ser por conta de uma crise (econômica, social ou ambiental, conjugada ou não). Como exemplo desta segunda situação, Neves (2019) cita os agricultores de Brumadinho, privados da sua condição de agente, após a contaminação de suas terras. Os desdobramentos da pandemia COVID-19 é um exemplo de contexto onde diversas pessoas perderam ou perderão a sua condição de agente.

Outro importante aspecto na visão sobre desenvolvimento defendida por Sen, é a abordagem sobre a influência dos **valores** no destino de grupos, organizações, regiões ou nações. Para o autor, os resultados insustentáveis presentes nas sociedades capitalistas **ou** com outro sistema, **não** devem ser associados, apenas, à problemas da concepção teórica norteadora, sendo necessário observar, também, fragilidades na presença da “ética de comportamento”, nos “alicerces de instituições”, na escassez de “sistemas de valores e normas” (p. 335), dentre outros.

Como exemplo de valores que favorecem o desenvolvimento, Sen cita: corrupção pouco frequente (exemplo de presença da ética da **dimensão econômica**); a natureza dos cuidados dedicados aos mais frágeis (**ética da dimensão social**); e a compressão mais profunda do valor intrínseco da natureza, a despeito do seu valor utilitário (**ética da dimensão ambiental**).

A análise da visão de Sen permite considerar que apenas a revisão de teorias e práticas de natureza econômica, **isoladamente**, não é suficiente para refletir sobre alternativas para o desenvolvimento.

Adotando a visão de Sen (2018), pode se considerar, também, que a natureza do conhecimento capaz de assegurar os cinco “meios condutores ao desenvolvimento” é interdisciplinar. Especialmente a ênfase de Sen na importância dos valores humanos, indica que no conjunto de conhecimentos que dialogam para assegurar os meios condutores ao desenvolvimento, deve constar a base teórica necessária para a compreensão da natureza humana e dos processos que ativam os valores favoráveis aos objetivos coletivos ou bem comum: para o autor, o desenvolvimento não ocorre com facilidade em uma sociedade demasiadamente auto interessada.

Sen (2018) dedica um capítulo para tratar do papel do mercado, do Estado e de grupos de interesses em geral, no processo de desenvolvimento. Analisando o capítulo, é possível considerar que, para o autor, não existe um agente central no processo de desenvolvimento, e sim um conjunto de agentes complementares.

Destaca-se, no entanto, que, para o autor, não apenas os agentes sociais lotados em órgãos públicos ou em organizações não governamentais, precisam zelar pelos interesses coletivos: todos os atores sociais, independentemente da área de atuação, precisam valorizar os interesses coletivos e o bem comum.

O autor, no livro onde apresenta o seu modelo de desenvolvimento alternativo, não faz referência ao papel do conhecimento intensivo, e das tecnologias transformacionais deles derivadas, no processo de desenvolvimento, ainda que defenda a educação como uma oportunidade social que, quando assegurada, conduz uma sociedade à estágios mais avançados.

## 7. A visão de Kate Raworth

A obra onde a economista Raworth (2019) apresenta o seu modelo alternativo de desenvolvimento, traz poucos gráficos ou tabelas. A autora reflete sobre economia, adotando contribuições de áreas não usualmente fornecedoras de *insights* para a disciplina. Por exemplo: ciências comportamentais, ciências da terra, ecologia, *design*, dentre outras. A análise da obra da autora, permite considerar que a teoria alternativa apresentada para desenvolvimento, consiste em um conjunto de conhecimentos interdisciplinar, confirmada pelo seguinte texto: “na dança dos intelectos”, é necessário que a economia deixe de “dançar sozinha na ribalta”, e que os pesquisadores da área, entretêm “ativamente suas teorias com percepções surgidas em outras disciplinas” (p. 307).

No entanto, sobre a existência de uma área de conhecimento e de portadores do discurso científico críticos, Raworth considera que a teoria econômica sempre teve, e permanece

tendo, **papel decisivo** no conjunto de conhecimentos que orienta a evolução de uma sociedade. Para a autora, os problemas e desafios que a civilização atual enfrenta é, em “grande parte”, decorrente de “pontos cegos e metáforas equivocadas” do “pensamento econômico” (p. 143).

A autora afirma que os economistas ainda “ocupam lugares na primeira fila como especialistas no palco da política internacional – desde o Banco Mundial até a Organização mundial do Comércio – e raramente estão distantes do poder” (p.14).

Raworth (2019) alerta que a maioria do conhecimento que vem formando os atores sociais que influenciarão no destino do planeta (os cidadãos do ano de 2050), sejam estes economistas, governantes, acionistas, praticantes de gestão, jornalistas, líderes comunitários, ativistas ou apenas eleitor, foi produzido por economistas do século passado, que por sua vez, foram influenciados por teóricos de séculos anteriores.

A autora, citando uma frase do economista Keynes, afirma que, ainda no século XXI, pessoas práticas (acadêmicos ou não) pensam que estão isentas de quaisquer influências intelectuais, mas na verdade, são “escravos de economistas defuntos” (p.15).

Pode se considerar que a economista Raworth enfatiza a criticidade do conhecimento da área economia para o debate sobre um futuro sustentável, assim como Porter e Kramer (2011, 2019) destacam, como decisiva, a área de conhecimento sobre gestão e estratégia, e os intelectuais da Universidade da Singularidade, o conhecimento interdisciplinar intensivo capaz de gerar tecnologias transformacionais.

No entanto, tal como Sen (2018), a autora destaca a influência dos **valores** no processo de evolução do conhecimento e da sociedade. Para Raworth, um novo modelo de desenvolvimento só será possível, se for acompanhado de uma mudança de visão sobre a **natureza humana** atualmente predominante na economia: “do homem econômico racional” para “seres humanos sociais adaptáveis” (p. 106).

Raworth (2019) revisitou a literatura tradicional sobre economia, com o objetivo de identificar **valores** ocultos que, permanecendo, impedem que novos conhecimentos sejam gerados. Nesta direção, citando Robert Frank a autora afirma que “nossas crenças acerca da natureza humana ajudam a moldar a própria natureza humana” e, portanto, estudar o “*Homo economicus*” nos influenciou. Para a teórica, a economia tradicional (e seus paradigmas) “ajudou a criar o tipo de mercado postulado na teoria” (p. 113).

Raworth alerta, também, para a influência do pensamento mecânico no conhecimento acumulado pela ciência economia: muitas das metáforas e modelos da economia tradicional foram concebidas para “imitar a mecânica de Newton”, hoje considerada “um tipo errado de ciência” (p. 149). Com este argumento, a autora sugere uma outra mudança de visão: “Do equilíbrio mecânico” para a “complexidade dinâmica” (p. 143), abordagem coincidente como a perspectiva dos autores citados na fundamentação teórica deste artigo (seção 4).

A autora se posiciona sobre o papel das organizações no novo modelo de desenvolvimento, no capítulo denominado “Criar para regenerar” (p. 223). A análise deste capítulo, permite considerar que a autora faz uma proposta para a mudança da abordagem de criação de valor nas organizações: da crença “o crescimento limpará tudo de novo”, para “uma concepção regenerativa”. A autora apresenta evidências da inadequação do antigo “mantra econômico” (p. 225) repetido ainda hoje: a ideia de que o contínuo crescimento do PIB, apesar de gerar degradação ambiental na fase inicial, resolve, com o passar do tempo, os problemas ambientais que criou (p. 224). Na visão da autora, esta ideia precisa ser substituída pela criação de valor, cuja processo produtivo seja regenerador de insumos já utilizados.

Sobre o papel do conhecimento intensivo e das tecnologias deles derivadas no processo de desenvolvimento, a autora dedica, apenas, oito páginas para a pauta. Para Raworth (2019), o conhecimento inovador e as tecnologias transformacionais, podem tanto se configurarem como poderosas ferramentas para minimizar a pobreza e a desigualdade mundial, quanto agravarem ainda mais a desigualdade, impedindo o progresso da civilização. O que define estas possibilidades, é o grau de distribuição destes recursos: o conhecimento inovador e suas aplicações não devem ser tratados como propriedade particular.

## 8. Considerações finais

Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa exploratória em andamento. A investigação busca identificar a visão de teóricos citados como palestrantes convidados do evento *The Economy of Francesco*, sobre a natureza do conhecimento que pode contribuir para orientar o desenvolvimento sustentável do planeta. No atual estágio de pesquisa foram analisadas as abordagens de dois teóricos citados como palestrantes do evento, Amartya Sen e Kate Raworth, o que permite tecer as três considerações a seguir.

Considera-se que a natureza do conhecimento investigado é interdisciplinar, dependente, portanto, do diálogo entre teóricos de diferentes áreas de conhecimento e do intercâmbio e combinação de suas teorias. No entanto, não há consenso sobre a existência de uma área de conhecimento científico, que se destaque pela criticidade em relação às demais. Especificamente Kate Raworth, teórica convidada para apresentar suas ideias no evento, considera crítico, o conhecimento derivado da ciência economia. Por sua vez, Amartya Sen, citado como palestrante da abertura do evento, reconhece a importância do conhecimento e paradigmas econômicos, sem, no entanto, abordar as teorias e práticas da área, questões centrais.

Considera-se, também, que no processo de combinação das ideias que irão formar o novo conjunto de conhecimento investigado, é necessária clareza sobre a base teórica que ampara os conceitos e modelos a serem combinados, por exemplo, a utilização de paradigmas derivados das velhas ou das novas ciências, e, especificamente, a aderência ou não à teoria



da complexidade. Como apresentado neste artigo, a persistência da adoção de paradigmas derivados de modelos fornecidos pelas ciências antigas (por exemplo física mecânica), vem sendo percebida como um obstáculo à evolução das ciências sociais em geral, incluindo a economia.

A terceira consideração diz respeito à destacada influência dos “valores” no destino de grupos, organizações, regiões ou nações, evidenciada pelos dois teóricos investigados. As abordagens destes autores, permite considerar que o processo que identifica o novo conjunto de conhecimentos sobre desenvolvimento, deve assegurar a presença de teorias e teóricos de filosofia e das ciências do comportamento (psicologia, sociologia, psicologia social, antropologia, e ciências políticas). Esta presença é pouco comum nos estudos de disciplinas demasiadamente influenciadas pelo pensamento objetivo, como é o caso da ciência economia.

Na fase atual da pesquisa, com base nos documentos já divulgados sobre o evento *The Economy of Francesco* e nos autores investigados, ainda não foi possível identificar o posicionamento dos palestrantes, em relação ao papel do conhecimento inovador e intensivo presente em disciplinas mais recentes como biotecnologia ou bioinformática, e às tecnologias transformacionais delas derivadas. Apenas é possível considerar que os teóricos investigados, por tratarem superficialmente do tema, não se configuram como aderentes a nenhum dos dois posicionamentos extremos: “tecnófilo” ou “tecnofóbico”.

## Referências

CHURCHILL, N.; BYGRAVE, W.D. The entrepreneur ship paradigm: a philosophical look at its research methodologies. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 14, n. 1, p. 7-26, 1989.

CRESWELL, J.W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIAMANDIS, P. H.; KOTLER, S. *Abundância: o futuro é melhor do que você imagina*. Alta Books Editora, 2018.

FAVARETO, A.S. *Paradigmas do desenvolvimento rural em questão - do agrário ao territorial*. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ECONOMY OF FRANCESCO. Site do evento. Disponível em: <http://https://francescoeconomy.org/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

HAMEL, G. Entrevista exclusiva com *Gary Hamel* no programa *Conta Corrente da Globo News*, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iz9hVYrw8hI>. Acesso em: 10 dez. 2018.

NAIL, R. Singularity University at ten years: the global grand challenges. Singularity University. 2018. Disponível em: <https://su.org/blog/singularity-university-at-ten-years-the-global-grand-challenges>. Acesso em: 12 nov. 2019.

NEVES, M. L. Modelo de desenvolvimento da capacidade de criar valor compartilhado, com base na mudança da qualidade do capital intelectual criado e incorporado. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), UFSC, 2019.

PERT, C.B. Molecules of emotion: why you feel the way you feel. New York: Simon and Schuster, 1997.

PORTER, M. E.; KRAMER, M. The big idea: creating shared value. Harvard Business Review, v. 89, n. 1-2, p. 2-17, 2011.

PORTER, M. E.; KRAMER, M. Creating shared value. In: Managing sustainable business. Springer, Dordrecht, p. 323-346, 2019.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. The end of certainty: time, chaos and the new laws of nature. New York: Free Press. 1997.

RAWORTH, Kate. Economia Donut: Uma alternativa ao crescimento a qualquer custo. Zahar, 2019.

ROSE, S. Lifelines: biology, freedom, determinism. London: Allen Lane, 1997.

SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

TURNER, J. R.; BAKER, R.M. Complexity theory: an overview with potential applications for the social sciences. Systems, v. 7, n. 1, 2019.

VATICANO. Carta do Papa Francisco para o evento "*Economy of Francesco*". 01.05.2019. <<[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco\\_20190501\\_giovani-imprenditori.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html)>>.